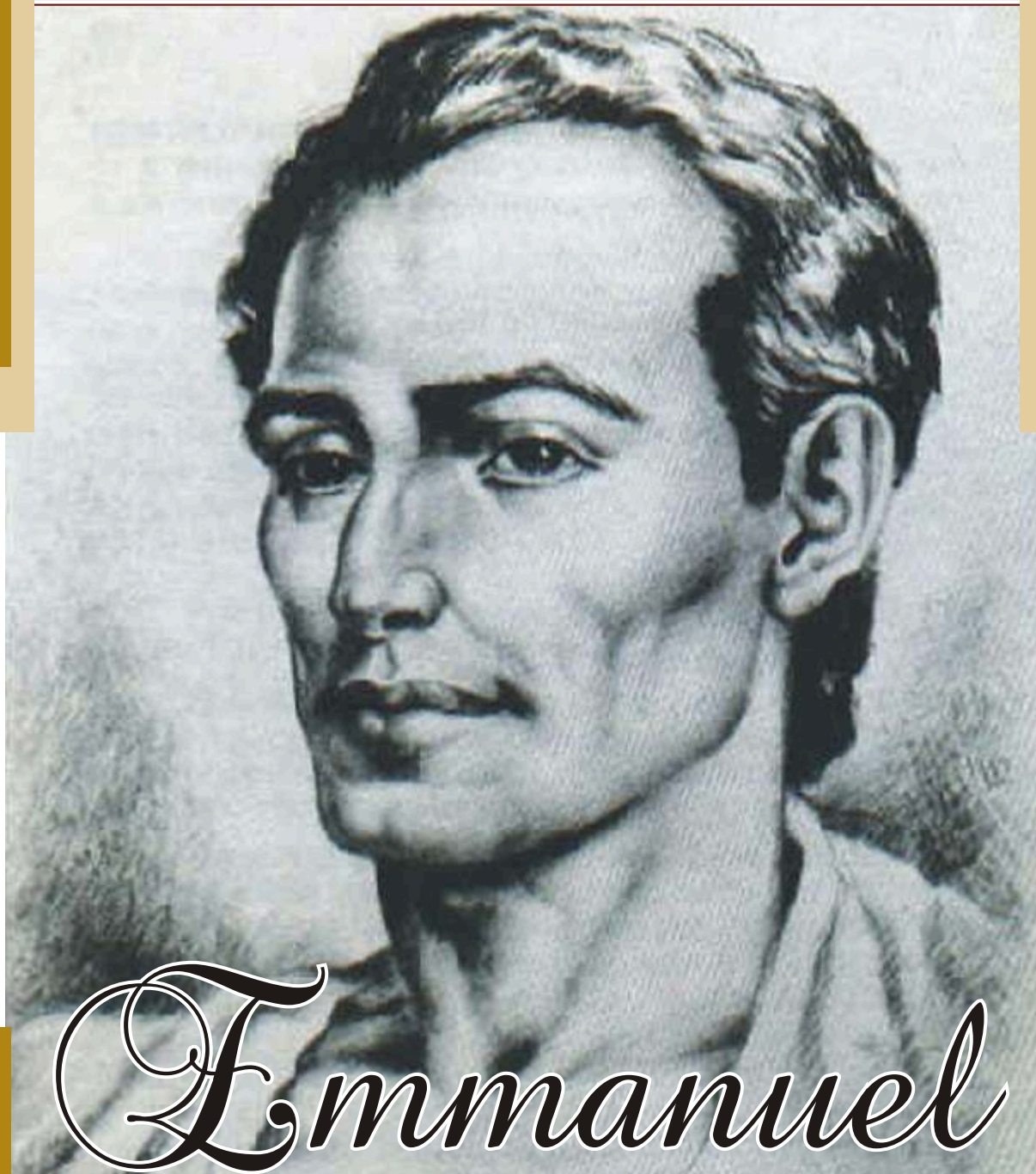


# SEAREIRO

Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança" - Ano 7 - nº 56 - Junho/2006  
Distribuição Gratuita



## **Destaques:**

Conhecimento do Espiritismo e a duração da Perturbação  
Evangelização Infantil

Livros "Há dois mil anos", "Chico Xavier, à sombra do abacateiro"

“Espíritas! Amem-se, eis o primeiro ensinamento; instruem-se, eis o segundo.” O Espírito de Verdade.

Este precioso conselho foi-nos deixado pelo Espírito de Verdade no ano de 1860 e na atualidade precisa mais do que nunca ser lembrado.

Registrarmos isso devido à enxurrada de fantasias que vêm sendo divulgadas nos meios de comunicação, distorcendo a imagem e os ensinamentos de Jesus e dos seus discípulos mais conhecidos.

Primeiramente divulgou-se um trecho de um manuscrito que declarava que Jesus teria pedido a Judas para traí-lo, como se o Cristo estivesse montando a farsa da crucificação; posteriormente, volta à tona o tema de que Maria Magdalena teria tido um relacionamento amoroso com Jesus e com Ele tido filhos.

Perdoem-nos os leitores por ter que repetir estas histórias absurdas, mas precisamos ficar alertas com tudo isso.

Como já se não bastassem os livros que se intitulam “Espíritas”, mas que trazem mensagens equivocadas, desviando a atenção para o que realmente tem importância, que é a explicação dos ensinamentos de Jesus.

Mas por que tantas histórias desviando a nossa atenção do que é necessário?

A única resposta que encontramos é pelo orgulho e vaidade dos homens que querem ser superiores ao próprio Cristo.

Sabemos que toda correção diante dos erros e, principalmente, sua aceitação perante o homem, é dolorosa, é amarga, pois esse reconhecimento vem bater de frente com o orgulho daqueles novidadeiros.

E quando a vaidade dos patrocinadores dessa inverdade, vem tornar-se o ponto alto de uma polêmica, é ainda mais abominável esse erro perante o caos causado entre os religiosos desavisados.

Mas a luz do Cristo será sempre aquela que trará à humanidade os frutos benignos da Verdade e da Justiça Divina.

Raciocinemos com Paulo de Tarso, escrevendo num trecho de uma de suas epístolas aos Hebreus:

“E na Verdade, toda correção no presente, não parece ser de gozo, senão tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela.”

Somente através da divulgação da Doutrina Espírita, séria e fundada na Codificação de Kardec, explicando às pessoas todos os ensinamentos de Jesus é que poderemos anular os efeitos maléficos de tais absurdos.

“Conheça a Verdade e ela te libertará”.

Libertará a todos nós dos grilhões que nos prendem há séculos de erros e desvios em que fugimos da nossa própria cristianização.

Quando formos mais conscientes de que não podemos mais perder tempo dando ouvidos a histórias que só fazem nos distanciar da Verdade, vamos ganhar terreno na nossa evolução espiritual.

Concentremos nossos esforços e nossa atenção ao estudo dos livros de Kardec, completemos o nosso entendimento com o estudo dos livros psicografados por Chico Xavier.

Estudo, estudo e mais estudo.

Sem o conhecimento, a nossa fé não é raciocinada e sem fé raciocinada, ficamos sujeitos a acreditar em qualquer ilusão que nos ofereçam.

Repetimos hoje:

“Espíritas, instruem-se.”

Equipe Seareiro

# SEAREIRO

**Publicação Mensal  
Doutrinária-espírita**

Ano VII - nº 56 - Junho/2006  
Órgão divulgador do Núcleo de  
Estudos Espíritas Amor e Esperança  
CNPJ: 03.880.975/0001-40  
CCM: 39.737

Seareiro é uma publicação mensal, destinada a expandir a divulgação da doutrina espírita e manter o intercâmbio entre os interessados em âmbito mundial. Ninguém está autorizado a arrecadar materiais em nosso nome a qualquer título. Conceitos emitidos nos artigos assinados refletem a opinião de seu respectivo autor. Todas as matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

#### **Direção e Redação**

Rua das Turmalinas, 56  
Jardim Donini  
Diadema - SP - Brasil  
CEP: 09910-500

#### **Endereço para correspondência**

Caixa Postal, 42  
Diadema - SP  
CEP: 09910-500  
Tel: (11) 4044-5889 com Eloisa  
E-mail: contato@espiritismoeluz.org.br

#### **Conselho Editorial**

Ana Daguimar de Paula Amado  
Fátima Maria Gambaroni  
Geni Maria da Silva  
Jose Roberto Amado  
Marcelo Russo Loures  
Reinaldo Gimenez  
Rosângela Neves de Araújo  
Ruth Correia Souza Soares  
Silvana S.F.X. Gimenez  
Vanda Novickas  
Wilson Adolpho

#### **Revisão**

Rosane de Sá Amado

#### **Jornalista Responsável**

Eliana Baptista do Norte  
Mtb 27.433

#### **Diagramação e Arte**

Reinaldo Gimenez  
Silvana S.F.X. Gimenez

#### **Impressão**

Van Moorsel, Andrade & Cia Ltda  
Rua Souza Caldas, 343 - Brás  
São Paulo - SP  
CNPJ: 61.089.868/0001-02  
Tel.: (11) 6764-5700

#### **Tiragem**

12.000 exemplares  
Distribuição Gratuita

## ÍNDICE

**GRANDES PIONEIROS:** Emmanuel - Pág. 3  
**FAMÍLIA:** Evangelização Infantil - Pág. 13  
**CONTOS:** A Inveja - Pág. 14  
**CLUBE DO LIVRO:** Chico Xavier, à sombra do abacateiro - Pág. 15  
**KARDEC EM ESTUDO:** Conhecimento do Espiritismo e a duração da Perturbação - Pág. 16  
**CANTINHO DO VERSO EM PROSA:** Não Choreis - Pág. 18  
**TEMA LIVRE:** Para Si Mesmo - Pág. 18  
**LIVRO EM FOCO:** Há dois mil anos - Pág. 19  
**CALENDÁRIO:** Junho - Pág. 19

# Emmanuel



Roma!

Em tempos remotos, foi formada por seres rudes que, com grandes violências, faziam o ódio propalar-se em fratricídios dolorosos. Porém, como tudo se transforma, sua área populacional foi aumentando e se modificando.

Povos vizinhos começaram a sentir uma certa atração por Roma. As histórias contadas sobre os feitos de Rômulo e Remo, sobre as quais teria nascido o nome do local, “Roma”, foram se distanciando e construções sólidas, com arquiteturas feitas em mármore, apareceram e suntuosos palacetes ergueram-se para abrigar o Império dos Césares, anteriormente chamada República Romana. Estes passaram a decidir sobre os destinos humanos, com grandes dores e aflições.

Roma concentrava suas energias sendo chamada como a cidade dos Césares, mas a força maior concentrou-se com a chegada da Doutrina de Jesus, que abalou o poder, principalmente dos bispos romanos, cujo desejo era o de tornarem-se chefes do Cristianismo.

O Vaticano, porém, soube apenas produzir obras de significado material, tornando-se uma potência de poder e autoridade temporais. Afogou-se na vaidade, ficando esse império na Terra, mas não no reino de Jesus.

Mas, voltando aos nossos propósitos nesta matéria, para podermos tecer alguns vagos conhecimentos sobre as reencarnações de Emmanuel, iremos retornar à Roma antiga.

Entre as sóbrias construções e suntuosos palacetes, se sobrepõe um, exibindo-se em mármore no alto de uma colina, chamando a atenção de todos que ali passavam pela beleza de sua arquitetura.

Essa era a residência do nobre senador Públio Lentulus Cornelius.

Embora jovem, exercia ele no Senado as funções legislativas e judiciais. Isso porque vinha Públio de antiga família de senadores e cônsules da República. Seu bisavô fraterno fora cônsul com grandes poderes em seu mandato. Seu nome era Públio Lentulus Sura.

O jovem Públio Lentulus Cornelius era muito conceituado no Senado, pois era conhecido pela responsabilidade e sóbrio caráter de lealdade em seus princípios. Correspondia dessa forma à educação que recebera de seus familiares aristocráticos.

Era ele casado com a bela Livia, cujos dotes eram reconhecidos não só pela beleza exterior, mas principalmente pela bondade e delicadeza de seus atos e formas no trato com os semelhantes, pois fosse quem fosse, tratava a todos com a mesma doçura.

Corria o ano de 31 da nossa era.

Públio Lentulus e Livia poderiam ser apontados como o casal mais perfeito e feliz da Roma aristocrática, se não fosse pela sofrida doença que atacava a débil Flávia Lentúlia, filhinha do nobre casal. Todos os cuidados e tratamentos médicos que eram dispensados à pequena, não faziam

retroceder a implacável lepra que a fazia definhar a olhos vistos. Porém, o amor que os unia, procuravam transferi-lo também para a pequena, que, embora doente, estava sempre alegre e mostrando, através de seu carinho, a gratidão aos pais tão amados ao seu coração.

Tinham eles uma profunda amizade com outro casal da mesma posição social; tratava-se de Flamínio Severus e a esposa Calpúrnia, tão bela e simples quanto Livia.

Públio tinha em Flamínio seu confessor, pois desabafava suas mágoas e apreensões de suas dúvidas íntimas e do seu trabalho profissional.

Essa amizade era recíproca. Entre as esposas o mesmo se passava.

Pelo menos uma vez na semana, os casais se encontravam para as conversas esclarecedoras, num jantar oferecido por Públio e Livia. Esse jantar era muito esperado por eles, pois reuniam as palestras em torno dos fatos diversos da vida diária.

E foi num desses encontros que Flamínio sentiu uma preocupação mais marcante no ar fisionômico de Públio. Enquanto Calpúrnia e Livia iam para a sala de jantar providenciar os últimos retoques para cearem, Flamínio, aproximando-se de Públio, indagou sobre seu estado interior.

— E então, meu amigo, por que essa marca que conheço tão bem em sua testa? Porventura algum acontecimento trágico o preocupa? dizia Flamínio rindo.

— Sei que você conhece-me profundamente. Diria que fora a doença da nossa pequenina Flávia, que tão bem você conhece, há algo mais a preocupar-me. Vou satisfazer sua curiosidade. Há alguns dias, tive mais um dos constantes pesadelos que você já conhece mas, este último deixou-me terrivelmente preocupado. Foi muito real. As cenas até agora surgem-me à mente como se acabassem de acontecer!

— Pelos Deuses, Públio, conta-me logo, pois já estou nervoso com todo esse suspense!

— Pois bem. Como sempre fazemos a nos recolhermos eu e Livia, costumamos orar a deusa Têmis, imagem que guardamos num altar, próximo ao nosso dormitório. Após isso, Livia recolhe-se para descanso noturno e eu antes fiquei sentado à beira da cama, lembrando uma conversa que há algum tempo tive em sua residência, com seu fiel servidor, o grego Parmênides. Contava-me ele sobre a crença dos hindus e dos mistérios da alma. Acreditas, Flamínio, no regresso da vida após a morte?

— Nunca! responde o amigo com rudeza. Isto é um desrespeito para com nossos deuses. Foram esses seus pensamentos após ter orado junto a Têmis? É por isso que os pesadelos vieram a perturbar seu sono. Não perca seu tempo

em ouvir Parmênides. Apesar de sua fidelidade e seu caráter firme, está velho e divaga muito em seus misticismos hindus. Viveu ele muitos anos na Índia e é natural que aceite o que aprendeu lá. Afeiçoou-se ao povo hindu, aceitou sua cultura e fez disso sua aceitação religiosa. Mas, você, caro amigo, tão inteligente, deixar-se levar por essas histórias de regressão de vida, ora, já é partir para o desrespeito aos nossos deuses, repito.

— Apesar de sua fidelidade aos deuses, caro Flamínio, acho que Parmênides tem razão. Como explicar a doença de minha filhinha, que tão nova passa por dores tão grandes? Que fez ela de mal, se está começando a viver? Por que temos tanta fartura, se bem próximo a nós existe tanta miséria? Por que uns são livres e outros são escravizados, e para poderem até comer, são obrigados a realizar serviços pesadíssimos? Não, meu amigo, há algo a pensar. E com este meu último pesadelo, a idéia do retorno após a morte ficou muito latente em meu cérebro.

— Está bem, Públio, mas conte-me logo seu sonho ou pesadelo, para que eu possa entender essas suas dúvidas.

— Como eu disse, após a oração a Têmis, senti, enquanto divagava, como você diz, que na conversa sobre a regressão com Parmênides, que minhas pálpebras repentinamente começaram a ficar pesadas, fechei os olhos e, creio, adormeci.

Vi-me em lugar, cuja paisagem, embora estranha aos meus olhos, parecia-me familiar. Olhei a minha volta e senti já ter pertencido àquele grupo de pessoas que estavam ao meu redor e sob meu comando. Minhas roupas eram do tempo dos cônsules republicanos, pois em meu peito estavam as insígnias dessa época.

Ao meu lado percebia a presença de Lúcio Sergius Catilina. Via também a figura altiva de Cícero. Estavam bem nítidos em mim essas presenças, como se representassem o bem no personagem de Cícero e o mal no semblante de Lúcio Sergius, que atava-me a ele pelas conspirações e destruições praticadas contra o Senado. Ambos forjavamos tramas, calúnias e ações criminosas que, com a autoridade que me era concedida por Lúcio, praticava seguramente em reuniões secretas, que definiam aqueles que seriam mortos, para que nenhum testemunho se apresentasse, diante dos nossos nefandos atos, para alcançarmos o poder.



*Senado Romano*

Muitos foram aqueles a quem mandei que fossem arrancados os olhos, na minha presença, para que nada vissem e pudessem comentar com os familiares os atos ali praticados.

E guardava a impressão, de um minuto a outro, de ver e sentir que em minhas mãos havia marcas do sangue daqueles

que ferira. Senti-me rodeado pelos gritos e lágrimas das criaturas inocentes e vítimas da minha maldade egoísta e prepotente.

O mais sério que se registrava em minha mente, meu caro Flamínio, era a humilhação por sentir-me culpado, mas isto em minha atual vida. Pensava em como encarar meus familiares! Que diria Livia se viesse a saber de todos esses crimes?

Mas, repentinamente, voltava-me às lamentações e acusações. Como todo escândalo um dia tem seu fim, fui afastado do Consulado. O interessante é que vi-me sendo arrastado pelas águas escuras do Aqueronte e descido às profundezas dos sombrios lugares do Averno, local para o qual sabemos são mandadas as criaturas leprosas e infelizes e onde os deuses não se encontram, restando apenas a escuridão.

Não sei por quanto tempo ali permaneci. Sei que, alguém estendendo as mãos pegou-me, como se quisesse salvar-me daquele local. E aí, vi Livia a envolver-me com sua doçura. Rodeava-a uma imensa luz. Dalí acompanhei-a e fui transportado a um tribunal. Figuras veneradas ali estavam. Não sentia medo, pois continuava a ver as mãos de Livia, que pairavam sobre minha cabeça, dando-me ânimo, para ouvir com serenidade a sentença ali a ser proferida.

Um dos figurantes desse tribunal levantou-se, e dirigindo-se a mim, fez o relato do final infeliz a que, como ele dizia, fui afastado do meu mandato.

Lembrou-me que antes de ver-me na angustiada situação do Aqueronte, fora eu submetido a sofrer as penas impostas pela revolta dos infortunados, que, por auxílio de Cícero, comandavam a revolução de Catilina, cansados por sofrerem tantas injustiças.

Por eles fui condenado ao estrangulamento e atirado as águas do Aqueronte.

“Agora, dizia aquela veneranda figura, está aqui o seguimento de sua vida. Você irá tomar conhecimento das propostas dos deuses. Você retornará como Públio Lentulus Cornelius. Irá apagar-se a figura de Públio Lentulus Sura.

Seu nascimento ainda será numa vida de muita riqueza e muitas facilidades materiais.

Bendito será seu retorno, se como senador e admirado pelo seu reto caráter, puder reconhecer a hora exata de sua transformação, compreendendo o semelhante e tornando-se tolerante e humilde.

Livia voltará consigo e continuará a ser seu anjo protetor. É por ela que você entenderá as propostas dos deuses para a nova vida.”

Públio, a essa altura, é tocado por uma profunda emoção. Sua voz é embargada pelo soluço engasgado em sua garganta.

Flamínio também se sentia comovido, mas, reagindo, exclamou: — Ora meu amigo, não se deixe abater, afinal como você disse, foi um terrível pesadelo.

Porém, em seu íntimo também ficara a incerteza, ponderava Públio.

Para dar continuidade ao assunto, Flamínio, vendo que Públio estava mais calmo, perguntou: — E depois, você despertou?

— Não. Apesar das palavras duras daquele que me parecia ser juiz e ter-me descrito o desenrolar dos acontecimentos futuros, olhei ao meu redor e vi rostos que

me inspiravam alívio. Não percebi mais a presença de Lívía, mas o conforto dos outros seres ali presentes me enviaram, pelo que pude sentir, de volta a este mundo. Mas parecia-me viver o futuro.

Pareceu-me rever Roma, mas uma Roma diferente. A parte antiga da cidade estava reconstituída. Novos teatros, termas elegantes, palácios riquíssimos, que antes não havia.

Lembro-me de rever meu pai, como sempre atento entre seus afazeres estudando os processos do Senado. Reconhecendo o ambiente do meu antigo lar, dirigi-me, como sempre fazia, ao altar dos deuses, pois como o temos aqui em nossa casa, também o vi igualmente em casa dos meus familiares. Orei aos deuses a proteção pela sentença recebida que continuava a fervilhar em meus pensamentos. Não sei quanto tempo se passou, porém, ao abrir os olhos, trazia dores na cabeça e uma febre alta que fazia tremer todo meu corpo dolorido e exausto.

Ao terminar a descrição de suas preocupações diante desses acontecimentos, Flamínio ainda comovido exclamou:

— Creio que você deve procurar esquecer tudo isso. Foi um pesadelo, sonho, seja o que for. Jamais você deverá esquecer sua posição social. Aqui está sua vida atual.

— Sei que você é sincero em suas palavras, meu amigo, diz Públio, mas volto a dizer-lhe que há algo muito sério em nossas vidas. E creio que nas indagações que faça, só obtenho respostas acreditando no retorno à vida, senão, meu caro, por que tanta dor sem explicações?

E puxando o amigo pelo braço.— Venha ter comigo à sala dos arquivos, onde há muito dos antepassados, continuou Públio.

Adentraram num ambiente caprichosamente conservado. Estantes guardavam livros e pastas com pergaminhos e papiros da época, que representavam importantes documentos. Num outro lado desse amplo ambiente, figuras em cera, muito bem esculpidas lembravam os atos importantes, gravados em suas fisionomias muito bem trabalhadas pelos artistas da época.

Com as mãos apontando para uma dessas figuras, Públio chamou a atenção de Flamínio e perguntou:

— Você sabe dizer-me quem é este?

De imediato, ele respondeu: — Sim, trata-se de Públio Lentulus Sura, seu bisavô paterno, que foi estrangulado há quase um século, como você descreveu em seu pesadelo, na revolução de Catilina.

Seguindo aos impulsos de seu coração, Públio Lentulus continuou:

— Vê que eu não estou fantasiando? Olhe esses papiros, veja as assinaturas. Não é só a aparência física com o meu bisavô, mas a maneira como assinava também formam meus traços.

Flamínio estava perplexo!

— Sim, você tem razão. Olhando estes documentos, se não estivessem amarelados pelo tempo, diria que você acabara de assiná-los. E quanto ao rosto de seu bisavô, realmente concordo que é o seu. Qualquer um que aqui entrasse e não soubesse que esse rosto é do seu bisavô, diria que seria seu rosto.

— Portanto, meu caro Flamínio, que provas poderemos querer mais? Volto ainda ao assunto do mal que ataca a minha pobre Flávia Lentúlia. Algo há em nosso regresso para

sofrermos o que tenhamos feito no passado. Sei, porém, que os deuses não entendem disso, senão por certo nos ajudariam. Digo a você, meu caro Flamínio, que uma certeza eu tenho, fui no passado Públio Lentulus Sura!

Flamínio sem resposta, pois também estava atônito com tudo o que ouvira e vira, sentiu o impulso de abraçar seu velho amigo, deixando que o pranto corresse pela sua face. E foi isso que fez, tentando animar o fiel senador Públio Lentulus.

O tempo passou, após esses acontecimentos. Públio estava cada vez mais agitado e inquieto. Eram muitas as calúnias e intrigas que se somavam ao seu alto posto em consideração a Pilatos e também muita inveja que ele e Lívía, sem saber, provocavam nas senhoras das corte, pela felicidade e compreensão existentes entre eles. O amor que os unia exalava o aroma da tranqüilidade interior.



*Palácio do Governador na Galiléia. Imagem aproximada do local em que Públio e Lívía Lentulus se hospedaram quando em busca da cura para a filha Flávia.*

Lívía o sentia inquieto. Tudo observava, mas com todo carinho e abnegação procurava ajudá-lo sondando seu conflito interior.

E foi num desses dias que Lívía o viu chorar. Aproximou-se e, cautelosa, perguntou-lhe:

— Por que o pranto, meu amor? Além do problema da saúde de nossa Flávia, o que mais o angustia?

Públio, levantando a cabeça e sentindo o calor do rosto tão querido de Lívía junto ao seudesabafou:

— Sinto-me cercado pelos gênios do mal! Visões, pesadelos e algo muito sombrio sinto que acontecerá e nossa felicidade terá fim. Será a morte da nossa pequena Flávia?

Lívía beijou-lhe as faces molhadas pelas lágrimas e falou-lhe:

— Meu querido, procure aliviar seus tormentos. Tenho comigo que, se continuarmos juntos, venceremos esses momentos angustiosos. Nossa Flávia seguirá o caminho que os deuses indicarem. Calma!

E puxando-o pela mão, disse-lhe:

— Você lembra daqueles belos versos que dedicou a mim quando casamos? Pois venha ouvi-los. Consegui compor uma canção para eles. E dirigiu-se a harpa onde seus delicados dedos foram mansamente levados a executar as cordas que rapidamente encheram o ambiente de bela sonoridade, fazendo-se ouvir a meiga voz de Lívía.

Alma gêmea da minha alma,  
Flor de luz da minha vida,

Sublime estrela caída  
 Das belezas da amplidão!...  
 Quando eu errava no mundo  
 Triste e só, no meu caminho,  
 Chegaste, devagarzinho,  
 E encheste-me o coração.  
 Vinhas nas minhas bênçãos dos deuses,  
 Na divina claridade,  
 Tecer-me a felicidade,  
 E sorrisos de esplendor!...  
 És meu tesouro infinito,  
 Juro-te eterna aliança,  
 Porque eu sou tua esperança,  
 Como és todo o meu amor!

Tocados pela intensa magia do momento, Públio abraçou ternamente a esposa. Ambos beijaram-se num transporte de doce e infundável alegria, embora as misturas das lágrimas a correrem pelos seus rostos.

Indiscutivelmente, Deus abençoava aqueles corações, pelas muitas dores que ainda passariam.

Na manhã seguinte, levado pela sugestão de Lívia, Públio aceitou a mudança para Cafarnaum. Achava Lívia que os ares daquela cidade fariam bem a pequena Flávia, que cada vez mais se mostrava fraca e com as pústulas aumentando em seu corpo.

Já estavam há algum tempo procurando meios para aliviar as dores da filha, mas nenhum tratamento surtia efeito.

Transcorrido um mês após a chegada da família a Cafarnanum, ouviram-se rumores a respeito das pregações de Jesus de Nazaré.

Muitas e muitas vezes, Públio pensava em ir até o Nazareno. Talvez ele pudesse curar a filhinha, como ouvira já de muitos que seguiam o Cristo e viram as curas acontecerem. Mas, na mesma hora, pensava na sua posição social. Seria uma situação humilhante para ele igualar-se à plebe. Certamente a repercussão desse ato não lhe favoreceria em nada. Porém, ele concordava que seus servos fossem assistir a essas pregações. Inclusive Ana, a dedicada serva de seu lar, que amava com dignidade seus amos e a pequena Flávia. Ela já falava muito a respeito do Cristo e das curas que presenciara para Lívia, sua ama. Públio notara que essas notícias impressionavam muito a sua esposa. Mas era preciso cautela. Por esse motivo, ele nada deixava transparecer de seus pensamentos, com respeito ao Nazareno, para que Lívia não se precipitasse, tomando alguma atitude com relação a filha Flávia Lentúlia.

Os padecimentos da filhinha do casal aumentavam aceleradamente. Ana, a fiel serva, vendo Lívia chorar ao cuidar da menina, aproximou-se e meigamente falou: — Ah, senhora, dói-me tanto ver o sofrimento desta criança. Tenho presenciado a tantas curas feitas por Jesus, tanto em crianças como em adultos. Perdoando-me o atrevimento, senhora, se pudéssemos levá-la até Ele, quem sabe ela não seria merecedora e se curaria também?

— Sei que você é sincera, nesse seu desejo em ajudar a nossa pequena Flávia, minha querida Ana, porém sabemos que o senhor senador, meu esposo, jamais concordaria com isso. Tenho pensado muito em querer chegar até Ele. Como você, também guardo a certeza que Jesus nos ajudaria.

Animada por sentir que Lívia aceitava a idéia, Ana, com

entusiasmo, falou das pregações do Cristo, o que deixa Lívia encantada.

Nesse momento, Públio adentrou o quarto da pequenina que ouvira com muita atenção a conversação de Lívia com Ana. Públio, passando a mão direita sobre a cabecinha da filha, com os olhos rasos de lágrimas, perguntou-lhe:

— Diz-me, filha do coração, o que poderei fazer para vê-la feliz? Haverá algum brinquedo, gostaria de algum passeio ou alguma outra coisa, que você mais deseje. Fala minha filha, o que seria?

Com a febre a atormentá-la e a dificuldade de falar, a menina, abrindo os olhinhos brilhantes naquele momento, respondeu:

— Papai... papaizinho... eu quero ver o profeta... de Nazaré.

Públio baixou a cabeça em pranto copioso, jamais esperaria ouvir essas palavras saídas do coração de sua filhinha. Voltou seu olhar para Lívia e Ana que também choravam pelo imprevisto da cena, aguardando a resposta, pelo conflito causado em sua mente.

Lívia procurou serenar o coração do esposo, pedindo para que reconsiderasse o pedido da menina. E se fosse seu último desejo? Se fosse guardada em seu coraçãozinho essa esperança? Como se negar ao pedido de um ser que deseja ardentemente continuar vivendo?

Diante do olhar suplicante de Lívia, Públio um tanto constrangido, num impulso do seu coração, clamou:

— Pois bem, minha querida esposa, cumprirei a promessa feita para a nossa pequenina; irei à procura do Nazareno. Porém, o farei de uma forma velada. Não gostaria que ninguém viesse a desconfiar de que eu um senador romano, que luta para manter a ordem entre a plebe, fosse ao encontro desse que tem transmitido tanto caos à população. Você sabe que Ele prega a igualdade social? Que ensina o perdão para os criminosos, para os que roubam, enfim são tantas as condições e tão contraditórias aos nossos deuses, que jamais eu as aceitaria. Se assim o fizesse, seria um traidor das leis da Corte de César.

Para encontrá-lo, não será difícil. Seguirei o grupo de pescadores e dos famintos e o acharei. Para ver nossa filha feliz, eu tudo farei. Veremos se realmente Ele a curará, como você e Ana acham.

Lívia, ao ver a figura tão austera de seu esposo, agora com ares de criança que procura realizar algo escondido, começou a rir e nesse contentamento abraçou-o efusivamente.

Assim, no dia imediato, Públio, esperou o cair da tarde para ir de encontro a Jesus. Seu coração pulsava descompassado. Como deveria falar com Ele? Por certo sua linguagem era o aramaico, pois essa era a língua usual na Bacia do Tiberíades! E como fazê-lo entender que queria que fosse cuidar de Flávia sem que a plebe desconfiasse?

Com essa forma de pensar, Públio passou o dia e chegou a entardecer. Saiu, caminhando lentamente a procura de Jesus!

Cansado de andar, encontrando um banco de pedras rodeado de plantas silvestres, sentou-se. Aquele leve aroma de flores e o barulho suave produzidos pelas pequenas ondas formadas pelas águas do Lago de Genesaré, levou-o às



lembranças de seu último sonho ou pesadelo, que tivera e que somente Flamínio ficara a par de suas dúvidas sobre o regresso à vida.

Repentinamente sentiu um estranho arrepio a percorrer-lhe o corpo. Ouviu passos como se alguém fosse chegando mansamente e se posicionasse a sua frente. Foi ele levantando a cabeça vagarosamente e viu um moço, irradiando uma luz diferente dos olhos humanos, que fazia resplandecer raios luminosos, sobre seus sedosos cabelos longos e dourados, lembrando trigo florescendo nos campos agrícolas da Terra.

Trazia um sorriso cândido e no seu semblante um forte magnetismo transmitido pelo seu profundo olhar. Era uma figura irresistível e muito bela. De imediato Públio Lentulus reconheceu Jesus de Nazaré. Lágrimas ardentes rolaram pelas suas faces e uma força misteriosa e invencível fez com que seus joelhos se dobrassem diante de Jesus de Nazaré.

Sentiu então as mãos de Jesus colocadas carinhosamente sobre sua cabeça e, fazendo-o erguer-se, lhe dirigiu palavras numa linguagem perfeita, que Públio entendeu como se estivesse conversando em seu idioma próprio. As palavras eram dirigidas de espírito para espírito, de coração para coração. E Jesus perguntou-lhe serenamente:

— Senador, porque me procuras? Seria preferível que falássemos mais declaradamente sobre a sublime lição da fé e da humildade. Não vim contrariar as leis da Natureza, porém, venho de encontro ao teu coração descompassado, pela dor de sentir o sofrimento de sua filhinha leprosa e de sua descrença em salvá-la pela ciência do mundo.

Isto acontece, pois lhe falta a razão em discernir entre a fé e a vontade de continuar a nutrir em seu espírito o egoísmo e o orgulho, que o distanciam da verdadeira crença em um único Deus. Sua venerável esposa, Lívia, pela fé ardente e pela simplicidade em amar as criaturas, acreditou nas palavras de meu Pai e é por ela que estou consigo neste momento. Ouvi aquele coração materno suplicar pela saúde de sua filhinha, mas, creia-me, você é mais doente que sua própria filha, pois a vaidade cobre seu coração de pesar e de egoísmo. Porém, chegou o momento de reverter esse quadro. Você tem como ponto de referência a pequena Flávia, que com seu mal, fez alertar seu sentimento paterno. Esta é a hora da sua liberdade se você conseguir vencer os apegos banais da vida terrena e passar a exercer a fé, a humildade e o amor ao seu semelhante, até ao seu maior inimigo. Veja que ninguém o obriga. O que irá fazê-lo decidir-se é o seu livre-arbítrio, pois Deus não escraviza a nenhum de seus filhos.

Diante dessas palavras, Públio questionava mentalmente: Como aquele mísero profeta ousava falar-lhe assim? Ele era um senador do Império, portanto, livre sim para ordenar, a quem preciso fosse, cumprir suas ordens. Humildade? Para quê e para quem?

Jesus, para seu espanto, pois só argumentara mentalmente, responde-lhe:

— Todos esses poderes que vem de um falso Império e todas essas ilusórias autoridades são enfraquecidas perante a Lei de Deus. Ele é o poder Maior e tudo o que é matéria terá fim. Só o espírito é eterno e uma única Lei permanecerá: A Lei do Amor ao próximo.

Vá agora. Volte ao seu lar e tome consciência de seu destino e de suas responsabilidades, perante a cura de sua filhinha, que se fez pela fé de Lívia e de sua capacidade em

amar e querer recuperá-lo, pois sabe o quanto seu coração está equivocado.

Públio quis falar, mas a voz morria em sua garganta. Viu e sentiu que a figura do Cristo diluía-se diante de seus olhos. Vagarosamente pareceu acordar, pois começava a perceber de novo o barulho das águas do Lago de Genesaré e o vai e vem das pessoas que haviam desaparecido de sua frente, como numa magia estranha ao seu conhecimento.

Públio levantou-se, pois acreditava ter passado todo o tempo sentado no banco de pedra. Com passos largos, dava vazão aos seus pensamentos que turbilhavam em seu cérebro:

Quero constatar se de fato Flávia está curada, Ele afirmou que assim seria. Mas se foi pela fé de Lívia, que isto aconteceu, porque falou Ele de minha necessária transformação, que, aliás, é absurda? Como me transformar em humilde e pedir a César que solte os criminosos, os bastardos pois todos somos iguais perante esse Deus que o Nazareno professa? Dirão que estou louco e naturalmente irei para a prisão ou para o circo enfrentar as feras ou os gladiadores, pois me julgarão também traidor. Poderão ver alguma intenção maléfica em meus atos, para tirar proveito. Não, pensava Públio, jamais farei isso.

Chegando ao palácio que residia em Cafarnaum, abriu com cuidado o grande portal. Seguiu de imediato ao quarto de Flávia. Precisava tirar a prova do ato da cura feita pelo Nazareno. De repente abriu aos seus olhos aquela cena enternecedora. Lívia trazia a pequena Flávia em seus braços que dormia suavemente, sem gemidos ou qualquer agitação de febre, e principalmente sua pele estava limpa, nenhuma ferida e nenhuma mancha vermelha em todo seu corpo.

Lívia contou a Públio que enquanto ele fora ao encontro de Jesus, ela e Ana, junto a Flávia, oravam, para que Ele a salvasse. E que, em dado momento, a pequena descreveu, que vira alguém colocar as mãos sobre sua cabeça e que as dores que ela sentia no corpo foram desaparecendo. Continuando em lágrimas, Lívia contou que a olhos vistos as feridas eram sanadas e as manchas sumiam como por encanto e também o cessar da febre.

Logo após, dizia Lívia, nossa filhinha sentou-se na caminha e pediu comida, pois estava com muita fome. Como sabe, meu querido Públio, já há duas semanas nossa Flávia não consegue alimentar-se, lembra-se?

Sim, ele lembrava mas era preciso conter o entusiasmo de sua esposa e disse ríspido.

— Sei, estou muito feliz por ver nossa filha com saúde. Mas quem sabe também foram os tratamentos médicos dispensados a ela. Talvez seja agora que os efeitos dos remédios estejam fazendo bem ao corpo que começou a reagir.

Lívia, percebendo que se teimasse no assunto poderia levá-lo a irritação, olhando-o firmemente, disse-lhe:

— Perdoe-me, querido esposo, você sabe o quanto aceito as suas vontades, mas permita-me agradecer a Jesus por ter salvo a nossa filhinha. Jamais esquecerei o que eu e Ana pudemos aqui assistir.

Públio, reconhecendo a gratidão e a fidelidade de Lívia, um tanto envergonhado por querer fugir da realidade, respondeu:

— Se há alguém aqui que precise pedir perdão, sou eu. Mas como Flávia está bem, agradeçamos aos deuses e

sigamos nossas vidas. Deixemos o tempo resolver o restante.

Lívia ouvia sempre falar sobre Jesus, por Ana. Esta constantemente comparecia às pregações do Cristo. Lívia sentia-se confortada. Gostaria muito de ir até Ele. Mas como? Todas as vezes que tentava falar com Públio para pedir seu consentimento de ir em companhia de Ana este sempre argumentava algum motivo e nunca tinha tempo para dialogarem. Aliás a situação entre o casal estava muito conflitante. Públio, perdido em seu orgulho, não admitia que Lívia falasse que fora o Cristo que curara a filha Flávia.

Desejando ardentemente ver Jesus, Lívia vestiu-se como as servas. Foi com Ana, pois disfarçada com roupas de criada e coberta por longa capa, com capuz a cabeça, indo ambas, para um feliz encontro com Jesus de Nazaré.

Jesus, chegou junto aos peregrinos, vindos de toda parte. Todos estavam ansiosos. Lívia viu aquela esplêndida figura, banhada por uma imensa luz. Não conseguiu tirar os olhos, já banhados de pranto.

O Mestre começou sua pregação e falou sobre os Bem-Aventurados e sobre a misericórdia do Pai Celestial.

Finda as palavras do Cristo, Lívia percebeu que alguns dos apóstolos traziam cestos com pães e frutos. Jesus abençoou esses alimentos que foram distribuídos para todos, numa maravilhosa repartição, pois a quantidade para Lívia era pouca diante do povo que ali se concentrava. Mas todos comeram, até ela recebeu sua cota. Ao ingerir essa alimentação, sentiu como se fosse medicada, pois um leve torpor tomou conta do seu corpo, já tão desgastado pelos últimos acontecimentos.

Após as curas que foram acontecendo, deixando Lívia extasiada, esta olhando para Ana, comentou: — As palavras do Mestre são de um imenso valor. Vê Ana que a cada um que se sente curado, Ele diz “Vai, não peques mais, a tua fé te curou”. Enquanto assim falava, Lívia não viu que o Cristo chegava até ela. E quando O percebeu, este, fixando firmemente seu olhar disse-lhe:

— Quanto a ti, alegre-te em Nosso Pai, pois o que ouviste destes ensinamentos te tocaram para sempre o coração. Portanto, não perca tua fé, porque tempo virá em que saberei aceitar as tuas abnegações santificantes.

Lívia suspirou profundamente, entendeu que isto seria para um futuro, que breve aconteceria.

Lívia regressou com Ana, ao lar. Públio estava irritado por não encontrá-la. Ao vê-la repreendeu-a severamente, dizendo:

— Onde você estava e vestida deste jeito, parecendo uma qualquer? Já não chegam as intrigas da corte? Andam dizendo coisas horríveis a nosso respeito, desde que nossa filha se curou; dizem que isto se deve a bruxarias, que você, Lívia, aceita e colabora de bom grado.

— Peça que você me perdoe. Tomei todo cuidado para não manchar seu nome. Nada fiz de errado que mereça condenação. Fui até o Nazareno. Queria vê-lo e ouvi-lo. Assim procedi procurando disfarçar-me. Tentei-lhe falar por muitas vezes, mas você não tinha tempo para ouvir-me...

Lívia ia continuar, porém Públio interrompeu-a pedindo-lhe que não falasse mais nada, pois ele sentia a diferença entre eles desde que aceitara a idéia infeliz em ter com o Cristo. Dito isto, blasfemando, saiu batendo a porta, numa atitude que Lívia nunca havia presenciado.

Seu conforto era lembrar as palavras do Cristo, presença

essa que passou a ser constante em sua vida, pois Lívia, após esse desencontro com Públio, jamais abandonou Jesus, seguindo-O pelas narrações de Ana. Ela se envolvia nessa fé e sentia que o Cristo lhe falava ao coração.

Tudo estava se complicando. A prisão de Jesus foi consumada.

Públio Lentulus foi chamado por Pôncio Pilatos para ajudá-lo a resolver a situação, um tanto penosa para ele decidir sozinho. Dizia Pôncio que não tinha motivo para prendê-lo, pois não havia provas de que tivesse praticado alguma maldade. Por isso, sem entender a atitude do povo, queria ouvir a opinião do senador Públio Lentulus.

Este disse a Pilatos que conhecera de perto o profeta de Nazaré em Cafarnaum, porém, nada vira que o levasse a conta de um mau elemento.

Sugeriu que mandasse o Cristo para que Herodes Antipas decidisse.

Aceita a sugestão, voltou o Cristo para Pôncio Pilatos, pois Herodes, recebendo com sarcasmo, disse não ter interesse algum naquela insignificante criatura. Diziam alguns que seria então melhor que entregassem o Cristo para os açoites na praça pública. Quem sabe se a multidão enfurecida se acalmasse e os celerados sem consciência ficariam satisfeitos?

Públio empalideceu e, lembrando as torturas horríveis a que seria submetido Jesus, falou emocionado: — Mas os açoites, isto é ignominioso...

Ao que Pôncio disse: — Que fazer? Vivendo na Judéia há tempos, conheço este povo. Melhor será entregá-Lo para a multidão que, enfurecida, apesar dos açoites, queriam sua morte. Que fosse crucificado, era o desejo do povo.

Públio vai até o Cristo. Faz questão em revê-lo. Viu o mesmo rosto triste agora mais sereno. Continuava aureolado de luz, embora banhado pelo suor sangrento que escorria pelas faces por causa da coroa de espinhos enterrada em sua fronte. Por instantes, Seus olhos encontraram com os do senador romano que, sem palavras, baixou a cabeça e voltou para a presença de Pilatos. Muito constrangido, perguntou a Pilatos se não haveria algum prisioneiro que substituísse o Cristo. Dessa forma, quem sabe a multidão ficaria satisfeita. O silêncio fez-se por uns instantes, quando Pilatos lembrou-se de alguém, dizendo rápido, para os que estavam ali:

— Sim, Barrabás. Ele é odiado e temido pela perversidade que pratica. Foi preso finalmente e aguarda a sentença. Ele poderá substituir o Nazareno.

Mas, para surpresa geral, a multidão bradava: — Condenem Jesus. Absolvam Barrabás... Crucifiquem Jesus!

Diante disso, sem saber o que fazer, olhando para o senador Públio que achava absurda toda essa violência, disse Pilatos que precisava resolver rápido, pois o povo estava inquieto.

— Está bem disse Pilatos! Lavarei as mãos, faça-se o que o povo quer, libertem Barrabás e crucifiquem Jesus.

Lívia soube do acontecimento, mas sabia que não adiantava falar com Públio e, ajudada por Ana, decidiu falar ao coração de Pilatos. As más línguas também estavam a postos e quando ela procurava por Pilatos, acharam que o senador deveria saber do adultério de sua bela esposa.

Públio foi levado a ver sua esposa sair dos aposentos secretos de Pôncio. Só não sabia que Lívia tinha ido pedir clemência para Jesus, e que esta ficou uma fera por ver-se



assedida por Pôncio, que não sabia ela ser ele um sedutor e que não se importava em desrespeitar e distinguir aquelas a quem ele pensava seduzir.

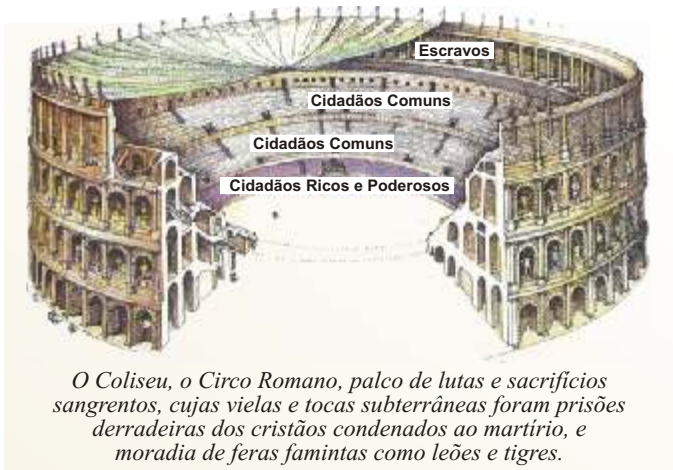
Ficou Públio possesso. Retirou-se para seu lar completamente alucinado sem querer ouvir ninguém. Lívia também retornou amargurada por nada conseguir.

Os sofrimentos impostos a Lívia foram inúmeros, mas a fé no Cristo levou-a a manter-se firme. Públio continuou por muito tempo preso em seu orgulho, egoísmo e vaidade. Flávia cresceu bela como a juventude de Lívia. Tinha o mesmo caráter reto do pai e fina educação.

Passaram-se os anos. Os seguidores do Cristo eram perseguidos e levados a arena, para serem devorados pelos leões, satisfazendo a alegria do povo em desequilíbrio de toda ordem moral. Lívia já presa nas catacumbas, pois os seguidores de Jesus sempre foram fiéis aos seus ensinamentos e continuaram a seguir os apóstolos. Lívia era serva do Cristo. Seu semblante de fino trato chamou atenção dos guardas. Trataram-na com respeito e educação. Ana pediu-lhe para que sensibilizasse os centuriões romanos, pois tinha certeza que sabedores de sua verdadeira identidade, eles a soltariam. Lívia, agradecida pela preocupação da fiel Ana, que também estava nas masmorras aguardando a sua vez para o suplício final, disse-lhe:

— Não, minha boa Ana. Agradeço ao Mestre pelo testemunho que posso dar em retorno das muitas vezes que ouvi Sua voz nos chamando para a vida eterna. Foi por Ele que não perdi esta abençoada reencarnação. Por Ele compreendo meu esposo a quem orei muito, para que ele possa um dia, reconhecer Jesus, desde que também teve o sagrado momento de vê-Lo e escutá-Lo pessoalmente.

Enquanto isso, Públio Lentulus se preparava para a grande festa em sua homenagem. Domício Nero esmerava-se na realização principal: o violento espetáculo do circo, onde as feras devoravam os cristãos e também pobres escravos à revelia dos seus senhores como castigo, num gigantesco morticínio sangrento.



Lívia ingressou na arena. Ajoelhou-se em frente ao suntuoso pavilhão do Imperador, onde buscou ver o vulto de seu querido esposo, pela última vez. Elevando seu coração numa prece, procurou colocar a imagem de Jesus junto das lembranças de Públio Lentulus, para que o Senhor continuasse olhando por ele. Nesse instante, sentiu-se envolvida por pesadas patas, como se um monstro se apossasse de seu corpo. Foi com um ligeiro choque que se transportou para os braços seguros de um apóstolo de Cristo.

Com os olhos embaçados de lágrimas, viu que estava junto ao coração do venerável Simeão, o nobre servidor, que veio buscá-la para ir ter-se com Jesus.

Nesse preciso instante, no camarim de honra do Imperador, Públio Lentulus sentiu uma estranha angústia. Seu coração disparou e aquele barulho ensurdecedor do povo trazia ao seu cérebro um pavor e tanta amargura que pela primeira vez sentiu o horror daqueles espetáculos, que dantes nada lhe diziam. Mas agora, não sabendo explicar, lembrou-se da suave figura do Messias e de suas palavras: — “Todos os poderes do seu Império serão enfraquecidos e suas riquezas, por serem tão miseráveis perecerão.”

E Lívia aparecia-lhe como por encanto. Meditando em todos os acontecimentos e em todas as maledicências a que dera ouvido e que o separara da serena tranqüilidade do seu lar, quis correr para encontrá-la e pedir-lhe perdão, porém já era tarde.

Na arena, quando Ana também caminhava para o circo, foi tomada pelas mãos fortes dos centuriões, que lhe diziam: — Saia agora por esse corredor, senhora, antes de alcançar o portão central para as feras. Vamos, fuja!

Ana, tomada de surpresa e susto, sendo empurrada para a liberdade clamava: — Não ... eu também, como meus companheiros, quero dar o testemunho da minha lealdade ao Cristo, por favor, deixem-me ir. Mas não adiantou. Chorando muito, Ana viu-se fora do pátio da morte. Estava livre e só. Olhando ao seu redor, compreendeu o equívoco dos guardas. Para passar despercebida, Lívia havia trocado suas roupas com Ana. E com a cabeça coberta pela fina capa que a envolvia, foi confundida como nobre da corte. Chorou convulsivamente. Logo mais, o engano seria desfeito.

Públio, foi procurado horas depois das honras prestadas por dois soldados. Estes traziam uma jóia nas mãos e disseram que a encontraram no circo, após o espetáculo e ficaram sabendo que pertencia a esposa do senador.

Sem demora, Públio apertou o adereço ao seu coração, como para aliviar a dor sentida. Dessa forma parecia ter Lívia novamente em seus braços. Ainda em desespero buscou lembrar o Nazareno e de seu coração saíram-lhe estas palavras: — Jesus de Nazaré, foi preciso que eu perdesse meu maior tesouro para buscá-Lo em suas doces palavras. Não consigo entender o Seu calvário e nem aceitar a Sua humildade. Mas, por piedade, venha em meu socorro, curar minhas chagas pois entendo agora ser um miserável e infeliz.

Por um momento novas energias brotavam em sua esfacelada alma.

A vida de Públio seguiu seu rumo, cheia de conflitos interiores. Certa feita, seguia ele pela Porta Ápia no carro de Estado para cumprir suas obrigações de senador, quando um inesperado incidente levou os cavalos em disparada perigosa. Públio notara que de um pequeno grupo de jovens, um deles atirou-se a frente conseguindo brejar os cavalos. Públio ficou impressionado com a destreza dessa figura que ficaria marcante em sua vida. Trocaram algumas palavras e Públio notou o olhar penetrante do jovem.

Fazia pouco tempo do sinistro desencarne de Lívia. A amargura estava presente em sua vida e aquele jovem dirigiu-se a ele e tocou no fundo da chaga ainda aberta pela morte de Lívia e que a ele trazia muitas dores. Esse jovem, que nada sabia, consolou e enalteceu o poder da fé. Fez com que a presença do Cristo se tornasse viva, pois disse-lhe que:

“qualquer obra realizada pelo homem sem a presença de Jesus era tida como obra morta, pois tudo que é matéria é passageiro e falível, mas a obra realizada em nome do Pai que está nos Céus, essa é firme e verdadeira”. Públio ficou estático e recuperando a calma, perguntou seu nome e ele disse: — Sou Paulo de Tarso! Públio quis responder, mas o semblante de Paulo de Tarso o magnetizou profundamente.

A vida seguiu seu rumo, mas uma grande catástrofe estava por vir!

Na vila de Públio Lentulus, repentinamente os escravos começaram a perceber algo estranho. Os cavalos relinchavam inquietos, as aves voavam em bandos, parecendo fugir de alguma coisa. Logo os abalos sísmicos começaram a fazer tremer toda a terra. Era o Vesúvio, o vulcão que acordava, lançando suas labaredas a grande altura e a despejar as cinzas saídas de seu interior, com imensa força, inundando toda superfície terrena. Eram os últimos instantes de Pompéia. Todos na vila, assim como os outros se puseram a correr sem rumo, sendo atingidos por



Reconstituição digital da erupção do monte Vesúvio, em agosto do ano 79 d.C., que escureceu o céu e sepultou a cidade.

colunas, casas, desaparecendo em meio aos destróços. Ana, Públio e Flávia abraçaram-se quando uma grossa camada de cinzas envolveu-os, roubando-lhes a vida terrena. Sobre os corpos soterrados, uma divina presença, irradiando intensa luz

revelou estar ali: o espírito de Lívia. Pousando suas mãos sobre a frente do seu amado esposo, ela orou a Jesus:

“Senhor Jesus, divino Mestre, nesta hora derradeira do desprendimento do corpo físico, as angústias nos trazem à presença dos nossos erros e dos crimes cometidos pelos equívocos da matéria. Se pela misericórdia de Deus, for permitido aliviar os tormentos da alma gêmea da minha, concedendo-lhe o alvará da liberdade, que lhe seja concedido por misericórdia do Pai o refazimento das suas amarguras, antes de seu novo regresso à trama escura das reencarnações no planeta do exílio e das dores. Cremos não ser mais aquele déspota vaidoso e prepotente, pois desde o encontro com o Senhor, foi ele tocado pela sua Doutrina de Amor e Redenção. Acreditamos que em breve seguirá o caminho da sua Verdade e Vida”.

Muitos eram os espíritos ali presentes e, após alguns dias, Públio abriu os olhos pensando ainda estar na carne. Não pôde ouvir a prece de Lívia, mas beneficiou-se de suas vibrações. Quis chamar por Ana e conseguiu ouvir uma voz que lhe dizia: — Públio, você não tem mais os recursos da Terra. Todos os seus poderes terminaram. Ora para Deus, para que o Amor de Jesus venha em seu socorro. Com muito

custo, reconheceu a voz de seu grande amigo Flamínio Severus, que o animava para orar junto aos amigos que ali estavam ao seu lado.

Flamínio narrou a Públio a assistência espiritual a que todos foram envolvidos. Este ainda relatou a prece feita por Lívia buscando Jesus para ampará-los. Públio teve a oportunidade de ver-se abraçado a sua querida filha Flávia que, junto a Ana, ainda permaneciam desacordadas.

Flamínio ainda disse ter divisado sua esposa Calpúrnia ao lado de Lívia.

Nesse precioso instante, Públio conseguiu entender que Lívia vivera sempre para Deus e ele para César, por isso, a diferença das compensações, nas escolhas dos caminhos vividos.

Auxiliado por Flamínio, entregou-se a repousante sono na espiritualidade.

Passaram-se 50 anos, após as ruínas de Pompéia, onde também ficaram os erros do impiedoso senador Públio Lentulus que se desprendera, para que, com a permissão de Jesus, pudesse retornar como um humilde escravo judeu, nascido em Éfeso. Seu nome, Nestório. Seria ele escravo judeu grego da Ásia Menor, que se tornaria um dos grandes defensores de Cristo. Aprendera a humildade de transmitir as lições de Jesus nas catacumbas de Roma, sendo perseguido e humilhado. Ao falar para os cristãos que acreditavam em Jesus, ressaltava Nestório: — Recordo, irmãos, a minha infância para lhes contar que vi João, o Apóstolo do Senhor, que muitos anos peregrinou por aqui, iluminando com suas palavras os caminhos de Éfeso! O grande evangelista João contava de suas visões, pois seu coração estava sempre em contato com Jesus, de quem recebia a inspiração, como o último discípulo na Terra, deixando as lições vivas das verdades Divinas!

Nestório e seu filho Ciro foram presos por infâmias e calúnias. Foram levados ao circo e presos num poste, atados com fortes cordas. Estavam esqueléticos por virem de tempos de torturas.

Já estavam a postos os africanos que aguardavam as ordens para deferir as flechas envenenadas aos mártires do Cristianismo. Ouviram eles os cânticos que eram entoados pelos cristãos nas celas.

Nestório e Ciro também cantavam, enquanto as flechas começaram a ferir seus corpos, abrindo-lhes a carne, fazendo borbulhar o sangue, que mais uma vez tingia-se de dor por aqueles cujo grande mal fora seguir Jesus. Nestório mais uma vez fora recebido pelos abnegados do Cristo e pôde sentir e ver-se acariciado pelas mãos daquele anjo tutelar que o recolheu em seu regaço, beijando-lhe as faces, cobertas de lágrimas. Adormeceu como criança nos braços de sua amada Lívia.

Em “Ave Cristo” ele reencarna na nobre figura de Quinto Varro. Mas uma vez pôs-se a seguir os ensinamentos cristãos, acompanhando o irmão Corvino, seguidor de Jesus que pregava nas catacumbas.

Sendo vítima de um complô, onde deveria perder a vida, desencarnou em seu lugar o pregador Corvino e ele, Quinto Varro, sem ser reconhecido ocupou o lugar deste, seguindo os ensinamentos desse amigo pregador. Foi preso e torturado por ser cristão. Sua condenação seria a decapitação, porém, ao ser levado à execução, como se mãos invisíveis atenuassem os golpes, e, na terceira tentativa, esta fora

suspensa e Quinto Varro ou Irmão Corvino, veio a desencarnar na prisão, sendo recolhido pelo próprio Corvino na espiritualidade.

Reencarnou novamente, tempos após, como Quinto Celso. Desde criança aprendera com sua mãezinha Hortência, a ser cristão, pois esta freqüentava as pregações cristãs de Jesus nas catacumbas. Tornou-se cristão fervoroso e de raciocínio fértil sobre o verdadeiro caminho que o “Divino Messias” ensinava.

Quando em sua reencarnação como Quinto Varro, deixara ele um filho de nome Taciano, moço cheio de orgulho e vaidade. Como sua tarefa era de torná-lo para o caminho do bem, reencarnou como Quinto Celso, vindo a ser adotado por Taciano. (Livro “Ave Cristo”)



Após vias dolorosas passadas por ambos, Quinto Celso foi preso juntamente com seu pai adotivo, Taciano. Foi ele levado ao circo, preso no poste e queimado vivo por ser cristão e Taciano, já velho e cego, foi atirado às feras. Quinto Celso tinha apenas 14 anos.

Após o desencarne, Taciano procurou o filho, mas vê desprender-se do poste do martírio seu pai Quinto Varro. Abraçaram-se em prantos e Quinto Varro, após tanta luta, disse a Taciano:

— Taciano, meu filho, agora poderemos trabalhar em louvor a Jesus, para sempre. (Livro “Ave Cristo”)

Após 15 séculos decorridos, Emmanuel dizia-se entediado.

Os mandos e desmandos em suas reencarnações com os desvios do poder, o levaram a encontrar o verdadeiro caminho da paz, como fizera sua amada Lívia, habitante de uma das moradas mais elevadas da “Casa do Pai”. Era necessário, portanto, pôr a prova, através de outras experiências, o seu Amor às causas de Jesus.

O Brasil, recém descoberto, por Cabral, tinha por habitantes os indígenas. Emmanuel, em espírito visitou as terras brasileiras. Emocionou-se por ver as grandes extensões de florestas e apiedou-se dos seus habitantes primitivos em suas primeiras reencarnações.

E foi em terras de Portugal e Espanha, isto é, mais precisamente de Sanfins, em Entre-Douro-e-Minho, no dia 18 de outubro de 1517, que reencarnou aquele que, no futuro, seria conhecido como “O Apóstolo do Brasil”, o Padre Manuel da Nóbrega. Sua grande missão era catequizar os indígenas, evangelizá-los, torná-los mais humanos e ensiná-los a enviar suas preces a um único Deus.

Manuel da Nóbrega precisava ter seus estudos realizados e, para tanto, se bacharelou em Cânones em Coimbra, tendo passado pela Universidade de Salamanca.

Ingressou na Companhia de Jesus em 1544, e, cinco anos depois, foi designado por Dom João III a vir para o Brasil com Tomé de Souza. Colaborou intensamente para a fundação de Salvador, Bahia, e com a cidade do Rio de Janeiro.

Foi um grande conselheiro dos governantes, protetor dos humildes, pai carinhoso, sendo assim chamado pelos curumins (índios na fase infantil).

Era o enfermeiro dos doentes e dos abandonados. Ensinava a todos os índios a paz e mostrava-lhes a necessidade de aprenderem a ler e a escrever, usando de toda

a paciência para esse fim. Sabia como orientar os políticos sem que esses se sentissem rebaixados em suas posições.

Ahonestidade era o seu tema principal, pois os índios não sabiam que tomar os objetos dos outros era roubo.

Sofreu muitas perseguições, enfrentou muitas guerras dos indígenas, principalmente entre os canibais que eram cruéis e não admitiam as aulas e suas pregações. Mas com sua fé em Cristo, ele conseguiu a paz.

Cneio Lucius, avô de Célia Lucios (Livro “Cinquenta Anos Depois”) psicografou uma mensagem através de Chico Xavier, ainda em Pedro Leopoldo, datada de 3 de Agosto de 1949, onde relata que Emmanuel, isto é, o valoroso Padre Manuel da Nóbrega, nessa reencarnação, preparou o caminho com todo o conhecimento para que os jovens do futuro pudessem valorizar os primeiros povos, que em sendo assistidos e com aprendizado, iriam evoluir e deixariam vasta cultura para ser estudada, pois suas tradições e costumes muito contribuiriam para a formação da Pátria.



Relembrou ainda esse benemérito professor Cneio Lucius, que, pelo profundo reconhecimento e devoção a inesquecível figura de Paulo de Tarso, o agora Padre Manuel da Nóbrega, fez questão que o dia da Fundação da Cidade São Paulo, feita por ele e José de Anchieta, fosse exatamente marcada pelo aniversário da conversão do doutor Paulo de Tarso ao Cristianismo. Portanto, no dia 25 de janeiro, a inauguração deu-se no Colégio de Piratininga, onde a cidade recebeu o nome do convertido de Damasco, São Paulo.



*Este foi o ponto do Planalto Paulista escolhido pelos jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta para fundar São Paulo, em 1554. No local, eles ergueram uma*

*capela-escola, onde catequizavam os índios. Batizaram de Real Colégio de Piratininga. Em 1953 as instalações foram demolidas e o edifício foi então reconstruído e dado o nome de “Pátio do Colégio”.*

Continuando sua narrativa, Cneio Lucius, disse que o reconhecimento de Emmanuel a esse espírito luminoso é pela preocupação que sempre demonstrou pelas inteligências dos espíritos que, reencarnando, deixam-se levar pelos arrastamentos do poder e da riqueza, como acontecera a ele como Públio Lentulus. Foi muito assistido por Paulo, que o encorajou a aceitar a reencarnação como catequista dos índios, para dar testemunho a sua lealdade perante o Cristo.

Como Padre Manuel da Nóbrega pôs à prova sua fé, pois, por vezes, sentindo a insolência dos selvagens e as sutilezas dos políticos, parecia-lhe que em breve estaria no circo romano para ser devorado pelas feras.

Porém, suas armas já não eram mais as dos gladiadores e nem a perseguição aos cristãos, era a perseverança no Bem e na fé, por Amor a Jesus. Era necessário fazer surgir uma nova Era.

O professor Cneio Lucius ou Neio Lucius, em sua última

reencarnação, foi um culto e distinto professor que desencarnou no Brasil. Ele é o avô de Célia Lucius, personagens reais descritas no livro “Cinqüenta Anos Depois”, por Emmanuel, psicografia de Chico Xavier (onde Emmanuel aparece na figura de Nestório, escravo judeu).

Ao completar 53 anos, no dia 18 de Outubro de 1570, após longa enfermidade com muito sofrimento, desencarna o grande “Apóstolo do Brasil”, Padre Manuel da Nóbrega, no Colégio do Rio de Janeiro, no antigo “Morro do Castelo”.

No livro “Renúncia”, Emmanuel relata sua reencarnação como Padre Damiano. Aí ele foi o fiel amigo da família Davenport. Foi um sacerdote esclarecido e um anjo, para a personagem de Alcione, espírito iluminado que reencarnou para salvar a vida daquele que fora seu grande amor.



Alcione tinha em Padre Damiano não só um amigo e sacerdote, seu confessor, mas um verdadeiro pai.

Padre Damiano reencarna 50 anos, após o desencarne como Padre Manuel da Nóbrega. Renasceu em terras da Espanha, onde prosseguiu com sua devoção a espalhar aos corações sofridos, a certeza da fé operante entre o Amor e a Sabedoria do Divino mestre Jesus.

Era ele vigário da Igreja de São Vicente, em Ávila, cidade da famosa figura iluminada de Tereza de Jesus.

É interessante notarmos que, como Padre Manuel da Nóbrega, trabalhou arduamente em São Vicente, a primeira cidade brasileira que lhe ofereceu condições para planejar a fundação de São Paulo em 1554. E a paróquia do Padre Damiano, um século depois, em Ávila é também a de São Vicente. Embora o tempo transcorrido, percebe-se a mesma abnegação do Padre Manuel da Nóbrega na continuidade da vida no espírito de Padre Damiano. Estes entrelaçamentos de reencarnações fazem surgir à figura no esplendor hoje do nobre espírito de Emmanuel, com o mesmo lastro de amor em prol dos que trazem o sofrimento e os desequilíbrios marcantes por desvios do bom caminho. Seus livros mediúnicos transmitem a capacidade de comunicação em pensamentos lúcidos, cheios de sabedoria e lealdade ao Criador.

No livro “Renúncia, obra mediúnica de Emmanuel, através de Chico Xavier, ele relata que sua influência na vida de Alcione foi muito marcante. Embora fosse Alcione um espírito elevadíssimo, que desceu das alturas para cumprir seu desejo de ajudar uma família com espíritos muito compromissados, ela tinha seus momentos de desânimo.

E era a presença de Padre Damiano que sempre lhe envolvia e a orientava a passar pelos percalços, armadilhas urdidas pelos desafetos, fossem eles encarnados ou desencarnados.

Reconhece-se ainda a bravura do Padre Damiano em “Renúncia”, a luta contra os mercadores de escravos, e a prepotência da organização dos Estigarríbias. Teve ele a mesma coragem do então Padre Manuel da Nóbrega, em defender os direitos e a liberdade dos índios. É como trazê-lo de retorno em sua energia cristã nos feitos na Bahia, ou junto a Estácio de Sá, ou fundando São Paulo ou apaziguando os tamoios em lutas contínuas com outras tribos dominantes, ou ainda defendendo o Rio de Janeiro contra a dominação dos estrangeiros.

Como podemos notar, mesmo na reencarnação de Padre

Damiano, muito ficou do Padre Manuel da Nóbrega, até a imensa vontade do Padre Damiano conhecer as terras do “Novo Mundo”. Tinha um grande desejo de realizar uma missão religiosa no Brasil. Esse Brasil, sem ele saber porque sentia como algo familiar tinha, alguma ligação que o impelia a sonhar e ver de perto as matas brasileiras e suas riquezas, que começavam a tomar vulto com notícias vindas pelos navegadores e bandeirantes, que campeavam pelo Brasil daquela época.

Até os derradeiros anos do Padre Damiano foram idênticos aos do Padre Manuel da Nóbrega. Este último teve problemas pulmonares durante muito tempo e o Padre Damiano também. Veio ele, portanto, a desencarnar devido à terrível tuberculose, moléstia incurável nessa época.

Em “Renúncia”, quando Madalena, mãe de Alcione, pediu-lhe para não os abandonarem, ele respondeu: — Creia, Madalena, esta moléstia incurável é um escoadouro bendito de nossas imperfeições. Eu os deixarei por ora, mas as recordações amargas ficaram no passado. Nosso reencontro continuará em outras paragens das vidas futuras.

E continuou: “vi há pouco minha mãezinha, estava acompanhada por um grupo de crianças, lá da nossa igreja antiga de Castela, falecidas há muito tempo. Vieram abraçar-me. Alguns pensam que estou delirando, mas Deus sabe que é a pura verdade”. Madalena abraçou-o em copioso pranto.

Pela madrugada do dia seguinte, tendo ao seu lado sua protegida Alcione, o velho e amado Padre Damiano verteu sua última lágrima, junto à face de Alcione e entregou seu espírito ao Criador.

Para as pessoas que não têm o hábito da leitura espírita, talvez seja um tanto desconhecidos ainda as obras mediúnicas de Emmanuel.

Esse mensageiro do Alto começou a se fazer presente, por esse valoroso e respeitável médium Francisco Cândido Xavier.

Foi pelos idos de 1931 que Emmanuel apresentou-se a esse médium, que na época residia em Pedro Leopoldo, cidade mineira.

Por essa data, Chico, psicografava seu primeiro livro “Parnaso de Além-Túmulo”, já apresentando também os sintomas de uma grave doença na vista. Mas isto nunca o impediu de trabalhar mediunicamente.



Costumava ele fazer suas preces, todas as tarde de domingo ao ar livre, mais precisamente próximo ao Ribeirão da Mata, local muito aprazível.

Reunia-se com duas confeitarias muito amigas que sempre o acompanhavam. Eram elas dona Joaquina Gomes e dona Ornélia Gomes de Paula, irmãs já desencarnadas. Mesmo que estas não pudessem comparecer, Chico ali estava firme em suas convicções, aguardando a palavra dos amigos espirituais. E foi numa dessas gloriosas tardes, naquele quadro da natureza, junto ao Açude do Ribeirão da Mata, que Emmanuel apresentou-se a Chico, pela primeira vez, e este o descreveu-o:

— Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso, sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença, mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz.

Chico, embevecido, sem poder tirar os olhos daquela

magnífica visão indagou: — Que deverei fazer de ora em diante?

Ouvia a voz serena desse que passou a ser durante toda a sua reencarnação o guia espiritual e instrutor:

— Descansa! Quando te sentires mais forte, pretendo colaborar igualmente na difusão da filosofia espiritualista. Tenho seguido sempre teus passos e só hoje me vêes, na tua existência de agora, mas os nossos espíritos se encontram unidos pelos laços mais santos da vida e o sentimento afetivo que me impele para o teu coração tem suas raízes na noite profunda dos séculos. (Este trecho foi extraído do livro “Amor e Sabedoria de Emmanuel”, de Clóvis Tavares.)

Francisco Cândido Xavier sempre reverenciou a nobre figura de Emmanuel e lembrava que, desde 1933, tem esse espírito produzido por seu intermédio páginas sobre os mais variados assuntos.

Está ele sempre disposto a defender as causas reencarnacionistas, como o mais elevado sentimento de tolerância, afabilidade e doçura, embora seu aspecto enérgico, palavras de Chico Xavier.

Frisa, quando necessário, que de suas marcantes reencarnações as que mais lhe ficaram evidentes em seu espírito, foram as de Públio Lentulus, quando seu encontro com o Cristo e o venerável momento com Paulo de Tarso a

quem até hoje reverencia, com profundo respeito e agradecimento. E como Padre Manuel de Nóbrega onde

*Em 1953, Chico estava na cabine (de materialização) quando a sala foi iluminada por uma espécie de relâmpago. Uma aparição com quase 1,90m de altura, porte atlético e tórax largo, entrou em cena. Trazia na mão direita, erguida, a velha tocha acesa (um símbolo de fé). Com voz clara, baritonada, encheu o peito e afirmou:”— Amigos, a materialização é fenômeno que pode deslumbrar alguns companheiros e até beneficiá-los com a cura física. Mas o livro é chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de almas. Rogo aos amigos a suspensão destas reuniões a partir desse momento.” Era Emmanuel e a partir daquele dia, Chico nunca mais as realizou. A ilustração foi feita pelo artista Joaquim Alves (Jô), da Federação Espírita do Estado de São Paulo, que presenciou o fenômeno.*



percebeu que sua fé se revigorava em Deus a cada dia.

Profundamente reconhecidos, nós, espíritas de todos os lugares, agradecemos a Deus por termos tido a oportunidade de conhecê-los, Francisco Cândido Xavier e Emmanuel.

Ave Cristo!!

Eloisa

## Bibliografia

- Amor e Sabedoria de Emmanuel - Clovis Tavares - Editora Calvário - 1ª edição - 1970
- Emmanuel - psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB - 7ª edição - 1970
- Renúncia - psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB - 6ª edição - 1970
- Trinta com Chico Xavier - Clovis Tavares - Editora Calvário - 1ª edição - 1967
- Cinquenta Anos Depois - psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB - 18ª edição - 1986
- Ave Cristo - psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB - 9ª edição - 1984
- Há Dois Mil Anos - psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB - 35ª edição - 1984
- Chico Xavier - Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade - Roque Jacintho - Editora Luz no Lar - 4ª edição - 1991
- Reformador - FEB - 1962
- Lindos Casos de Chico Xavier - Ramiro Gama - LAKE - 5ª edição
- Site do Instituto André Luiz

## Família

### FAMÍLIA

## Evangelização Infantil

Somos espíritos eternos e, como tais, trazemos muitos vícios e erros de nossas vidas anteriores.

O orgulho, a teimosia, a falta de obediência, o egoísmo, a agressividade, a vaidade e outros vícios morais já estão arraigados em nossos espíritos há muitas encarnações.

Pedimos uma nova encarnação para corrigir o nosso modo de ser e desenvolver as virtudes evangélicas, quais sejam a paciência, a doçura, a afabilidade, a caridade, a humildade, a obediência e a resignação.

Então, quando olhamos para uma criança, devemos lembrar que há mais do que um corpo franzino; há um espírito antigo habitando aquele corpo, que ganhou uma nova oportunidade.

Aos pais terrenos daquele espírito cabe uma grande missão: educá-lo moralmente para que ele tenha elementos para modificar-se.

Como os espíritos que estão reencarnando estavam se afastando dos ensinamentos cristãos, os pais devem oferecer uma educação religiosa para que haja base para a educação moral.

Hoje em dia, a maioria dos agrupamentos espíritas tem a

evangelização infantil. Ensinam quem é Deus e Jesus, o que é espírito e reencarnação, falam sobre caridade, bondade e obediência.

Se nós, adultos, nos vemos perdidos em certas situações de nossas responsabilidades, que dizer das crianças que reencarnam com débitos enormes de vidas passadas? Para que elas não percam a oportunidade da reencarnação, precisamos dar ferramentas para que elas promovam a sua reforma.

Se não forem mostrados novos caminhos, eles continuarão se perdendo por atalhos tortuosos e se desviando do caminho para Jesus.

Conforme as instruções dos espíritos, devemos aproximar de Deus as almas que nos são confiadas.

Muitas são as famílias que freqüentam reuniões espíritas, mas poucas levam os seus filhos para a evangelização infantil.

A evangelização infantil não deve substituir os ensinamentos que os pais devem oferecer. Conversar com a criança sobre as histórias de Jesus desde cedo é um bom começo. Acalenta-nos Emmanuel ensinando que “a

mocidade cristã é a primavera bendita de luz anunciando o aperfeiçoamento da Terra.”

Diz o Evangelho Segundo o Espiritismo que Deus confia os seus filhos aos pais terrenos para que os ajudem a voltar para o caminho correto e, quando os pais forem prestar contas, Deus perguntará: “Que fizestes da criança que confiei à vossa guarda?”

O que responderemos? Que não tivemos tempo; que estávamos muito ocupados ganhando dinheiro para oferecer mais conforto para as crianças; que não tínhamos paciência de chegar ao fim de um dia de trabalho estafante e conversar com a criança?!

Criança requer atenção e muita conversa.

No agrupamento espírita há os “professores” que estudam os temas que serão ensinados às crianças e os

traduzem para uma linguagem própria à idade delas, ajudando (e não substituindo) o trabalho dos pais e a criança pode tomar um passe para ir se equilibrando nas suas energias.

A única herança verdadeira que um pai deixa ao seu filho é a educação moral e intelectual que lhe proporciona. Tendo a educação moral, quando chegar o sofrimento (e ele chega para todos) ele encontrará uma barreira de virtude e fé alicerçada.

Levar um filho para a evangelização infantil é tão importante quanto matriculá-lo na escola. Nesta aprende-se o ensinamento do mundo físico e naquela aprende-se a educação do espírito.

Deus abençoe e ampare os pais para que eles mostrem a seus filhos o Caminho, a Verdade e a Vida.

Vitório

**Clube do Livro Espírita  
“Joaquim Alves (Jô)”**



Informe-se através:  
Caixa Postal 42 - CEP 09910-970  
Diadema - SP  
(11) 4044-5889 (com Eloísa)  
E-mail: [contato@espiritismoeluz.org.br](mailto:contato@espiritismoeluz.org.br)  
[www.espiritismoeluz.org.br](http://www.espiritismoeluz.org.br)

**Receba mensalmente obras selecionadas de conformidade com os ensinamentos espíritas.**

**VISITE NOSSO SITE**

Você poderá obter informações sobre o Espiritismo, encontrar matérias sobre a Doutrina e tirar dúvidas sobre Espiritismo por e-mail. Poderá também comprar livros espíritas e ler o Seareiro eletrônico.

**[www.espiritismoeluz.org.br](http://www.espiritismoeluz.org.br)**



## Contos

### CONTOS

## A Inveja

Joaquim era um alfaiate muito conhecido na cidade em que habitava. O lugarejo era povoado por pessoas muito pobres.

Todos trabalhavam com a plantação ou na pesca.

Embora o trabalho de Joaquim fosse muito apreciado pelas pessoas, moradoras da província, as roupas que costurava geralmente eram muito caras, portanto, seus fregueses eram pouquíssimos.

Ele reclamava muito de sua vida e pensava:

“Por que Deus me fez pobre, quando há tantos ricos que esbanjam dinheiro em futilidades, moram em belas casas, possuem carros e eu e minha família, por vezes, pouco temos o que comer?”

Com esses pensamentos atormentando sua mente, foi ele reduzindo seu trabalho. Se alguém que passasse pela alfaiataria e lhe contasse que havia adquirido algum objeto para o lar ou outra coisa qualquer, Joaquim esbravejava. Ficava tão irritado que aos poucos começou a perder os clientes, pois os insultos eram freqüentes.

A inveja tomava conta de sua mente. Tão perturbada estava, que sua esposa e filhos já não sabiam mais o que fazer.

Um dia, Joaquim foi procurado por um senhor muito bem

vestido, com maneiras finas de falar. Joaquim observou seu belo terno! Corte apuradíssimo. Mas, afinal, o que desejava aquele homem rico? Pois parara a porta de sua modesta alfaiataria, descendo de um carro caríssimo! Não teve dúvidas, correu para atendê-lo.

— Pois não, nobre senhor, a que devo a honra de recebê-lo em minha simples alfaiataria?

O homem, abrindo a porta do carro, foi logo perguntando:

— Informaram-me que o senhor é alfaiate e se chama Joaquim, não é? Preciso com urgência de seu trabalho.

— Sim, aos seus serviços. Como poderei ajudá-lo?

— Sou político de uma cidade, na verdade, da capital do estado do Ceará. Nosso prefeito foi convidado para vir a esta cidade, inaugurar, junto ao governo do estado, um hospital. Parece-me ser o maior da região. Como nosso prefeito acumulou muitos compromissos, pediu-me para representá-lo.

Joaquim observava as maneiras gentis e o belo carro parado à frente de sua oficina de trabalho. Enquanto o homem falava, ele pensava: “Como gostaria de dirigir um carro como esse! Ter roupas finas, estar acompanhado de pessoas importantes”. Joaquim divagava.

A um dado momento o homem que estava a sua frente, chamou-o a atenção e pergunta:

— Poderia senhor Joaquim, aprontar-me um jaleco para amanhã às 18 horas? A essa hora será inaugurado, além do

hospital, a UTI, com o primeiro paciente recebendo os devidos socorros. Para isso, será necessário que eu possua a roupa adequada. Sei que talvez haja a roupa do próprio hospital, mas quero deixar o jaleco que estarei usando para que seja aproveitado por outras pessoas. Compreende, seu Joaquim?

Joaquim, meio confuso, respondeu que sim e convidou o visitante para entrar, se desculpando...

— Por favor, não repare na minha pobre alfaiataria. Como vê, somos paupérrimos e por isso invejo a sua posição de político, sua educação aprimorada, enfim, invejo a sua vida, assim como de todos que se dão bem nos negócios e moram em palacetes e tem belos carros. Mas vamos ao que interessa. Vou tirar suas medidas e, se o senhor quiser, gravarei seu nome no bolso do jaleco para que fique evidente a sua doação.

O senhor Germano, assustado com a revolta, que pôde sentir nas palavras de Joaquim, respondeu:

— Não, senhor Joaquim, não pretendo aparecer com o meu nome gravado em parte alguma. Sou um mero representante de alguém muito mais culto que eu. Por favor, não inveje a mim e nem ao lugar que ocupo. Tudo isso são acontecimentos normais da vida de cada um. O senhor deveria sentir-se muito feliz. Mora num lugar tranquilo, que nos dá a impressão que esse é o paraíso. Pelo pouco que observei, as pessoas vivem com seus familiares. Vêm os filhos crescerem. Acompanham o período escolar deles. Passeiam com suas esposas. Ah! Seu Joaquim, isso é vida. O senhor pode ser pobre, mas não sente a pressão e ameaças que vivem os representantes do povo. Poucos são os que conseguem viver dentro do raciocínio religioso, isto é, ser representantes da paz entre os homens, a que Jesus veio. Ele sim, seu Joaquim, deveria ser invejado, mas até agora, poucos são os que acreditam em seu poder e governadoria. Eu creio em Deus, seu Joaquim, e o senhor?

Meio desconfiado, ele respondeu:

— Se Deus fosse realmente justo, não daria riqueza para uns e infortúnios para outros. Além do mais, o senhor fala como político, não sabe o que é passar fome. Tem do bom e do melhor. Passeia à vontade. Essa sua conversa de família não me engana e nem me convence.

— Bem, seu Joaquim, o senhor tem o direito de pensar como quiser de minha pessoa ou de outros. Mas, por favor, não duvide de Deus. Ele não premia e nem castiga a ninguém. Se eu não souber fazer bom uso do que tenho nesta vida, pagarei pelos erros cometidos e a quem prejudicar, quer eu queira ou não. Deus é justo, senhor Joaquim. O senhor tem saúde e uma bela profissão.

— E o senhor não tem? perguntou rudemente Joaquim.

Germano calmamente continuou:

— Faz vinte dias que não vejo minha família. Passo as vezes meses sem estar com eles, apenas escuto-os pelo telefone. Minha saúde, seu Joaquim, é precária. Tenho ponte de safena e corro risco de sofrer um desencarne repentino, se não souber me resignar diante da vontade de Deus, que prezo e recomendo a todos, sempre que tenho oportunidade de falar. O senhor não sabe o que é viver num ninho de serpentes. Se há aqui alguém que é privilegiado, esse alguém é o senhor. Portanto, não reclame, seu Joaquim, e sim agradeça a Deus pela sua vida e dos seus, diante dessa paz de pessoas simples e trabalhadoras. Não inveje a ninguém, pois nunca sabemos o que Deus reserva a cada um, a única certeza que temos é que hoje estamos vivos na Terra, mas amanhã estaremos no Além.

Pela primeira vez, Joaquim ficou assustado; se havia algo que ele não invejava de ninguém era o dia da partida desta vida para o Além. E, calado, começou a tirar as medidas do senhor Germano, para confeccionar o tão desejado jaleco, que deu origem ao encontro do político com o invejoso.

Elielce

## Clube do Livro

CLUBE DO LIVRO

### Chico Xavier, à sombra do abacateiro



Editora André Luiz  
Carlos A. Baccelli  
5ª edição  
128 páginas

Tudo começa na capa.

Antes de adentrarmos no teor do livro, viajamos para aquelas tardes debaixo de árvores frondosas e de sombras refrescantes, imaginando e já sentindo toda a emanção de paz, conforto espiritual e aconchego daquele lugar, como se lá tivéssemos estado, mesmo sem nunca ter ido. Talvez isso se dê por ter um gosto de infância.

São 51 capítulos selecionados dos escritos semanários, efetuados durante um período de 6 anos - 1980 a 1985, onde

o autor, presente àquelas reuniões ocorridas debaixo de um frondoso abacateiro, anotou o melhor que pôde e neste livro relata trechos diários daquelas tardes de sábado, em que o nosso querido "exemplo mais próximo", Chico Xavier, inspirado e supervisionado pelo espírito de Emmanuel, atendia e dava lições de amor aos frequentadores do local.

A multidão o aguardava à sombra do abacateiro e a reunião iniciava com a leitura e comentários de O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec. Após a prece, o Chico, acompanhado dos colaboradores, ia "distribuir com os necessitados o pão e o sorriso, a roupa e a esperança, em nome do Senhor", conforme relatado pelo autor.

Marcelo



### Banca de Livros Espíritas "Joaquim Alves (Jô)"

Livros básicos da Doutrina Espírita.  
Temos os 414 livros psicografados por Chico Xavier,  
romances de diversos autores, revistas e jornais espíritas.  
Distribuição permanente de edificantes mensagens.

Praça Presidente Castelo Branco  
Centro - Diadema - SP  
Telefone (11) 4043-4500 com Roberto  
Horário de funcionamento: 8 às 19h30

### Conhecimento do Espiritismo e a duração da Perturbação

**Livro dos Espíritos - Questão 165:** “O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?”

**Resposta:** “Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais

ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea, ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não crêem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranqüilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.”

O que acontece quando morremos?

Esta pergunta, o homem se faz desde os primórdios da evolução.

Vida, morte, alma, pensamento, céu e inferno. Como tudo isto se processa?

Não conseguiríamos aqui, em um pequeno espaço, explicar tudo à luz da Doutrina Espírita, mas uma pequena noção poderemos ter, começando pela base de tudo: a morte, tal qual pensamos, não existe.

Conforme ensinou-nos Jesus, somos feitos para a eternidade e não para um período de 60 ou 70 anos. Recebemos um tempo aproximado de vida e, ao expirar-se este tempo, ou ao esgotar-se a energia necessária à vida, desencarnamos.

Por que usamos o termo “desencarne”?

Porque somos compostos de Espírito, corpo físico e

corpo espiritual (ou perispírito). Ao término da vida, desliga-se o Espírito do corpo físico, ou seja, os laços que ligam o nosso Espírito ao corpo de carne são rompidos. Por esta razão o termo mais correto é desencarne e não morte, já que o Espírito sobrevive a este ato de rompimento.

A partir deste rompimento, cada um de nós agirá de uma forma.

Começaremos, então, a sentir os reflexos de nosso comportamento enquanto reencarnados.

Se tivermos vivido equilibradamente, com menos orgulho e vaidade, praticando os ensinamentos cristãos, principalmente a caridade, sem nos amarrarmos mentalmente às coisas materiais ou às pessoas que nos rodeiam, teremos um desencarne tranqüilo; normalmente adormecemos e somos recolhidos pelos nossos amigos espirituais, que nos levam para locais de recuperação no



mundo espiritual, a que tivermos merecimento.

Ao desencarnarmos, ficamos confusos e precisamos nos adaptar à nova condição, sendo que neste período estaremos sozinhos; nós, conosco mesmo, examinando a própria consciência e, após a recuperação, nos são oferecidas oportunidades de estudo e trabalho em favor dos outros.

Este é, superficialmente, o resumo do que acontece às pessoas com esta condição equilibrada.

Mas e a grande maioria que cultiva o orgulho e o egoísmo que, por conseqüência, acaba achando que todo o seu mundo material é o mais importante e lhe pertence, nunca pensando em Deus e no bem ao seu semelhante, levando a se “amarrar” às pessoas através de rancores, desavenças e ódios?

Infelizmente, ao desencarnar nesta condição, a pessoa não consegue enxergar nada além do seu mundo material e a ele continua ligado. Não consegue nem sentir a presença dos amigos espirituais que vêm, em nome de Deus, tentar ajudá-lo a sair daquela condição e a ser encaminhado para um local de tratamento na espiritualidade.

Alguns ficam dentro de suas casas por algum tempo e, vendo que ninguém lhe responde às perguntas, desequilibram-se ainda mais com a “indiferença” dos familiares. Passam então a perambular pelos locais em que freqüentava enquanto encarnados e correm o risco de serem arrastados para junto dos bandos de espíritos que estão na mesma condição espiritual, ligando-se a eles.

Outros ficam ao lado do caixão em que o corpo físico foi enterrado, cuidando do corpo tão cultuado e sofrendo por vê-lo apodrecer. Normalmente sentem as dores pela putrefação e começam a desesperar-se. Quando a situação ao lado do corpo apodrecido fica insuportável, afastam-se dele e procuram o lar ou outros lugares, como já foi relatado anteriormente.

Há também os que, por orientação religiosa ou por medo, adormecem e ficam neste estado por muito tempo, sofrendo pesadelos.

Consideramos que grande parte das pessoas nunca pensou em algo superior na vida, dizendo que acreditava em Deus, mas nunca O procurando. Estes, utilizando um ditado antigo, “vivem, porque vêem os outros viverem”.

Não cultivaram o hábito da oração ou do estudo dos ensinamentos cristãos, praticando-os, principalmente a caridade.

Talvez para esta grande maioria, há o pensamento que, ao desencarnar, iremos todos para um jardim florido, com extensos gramados, onde ficaremos sentados conversando e passando o tempo, como nos mostrou uma recente novela.

Como poderia isto acontecer?! Consideremos o caso de uma mãe que sempre foi uma pessoa boa, cumprindo com todos os seus deveres cristãos e que, ao desencarnar, veja a sua família em sofrimento. Será que esta mãe conseguiria ficar “batendo papo” e tocando harpa sabendo que os seus filhos sofrem?! Se ela viveu a vida na Terra sempre amando ao seu próximo, o que mudaria esta situação após o desencarne?

E o caso do pai que sempre mimou e super protegeu seu filho, não infundindo nele a moral cristã de respeito ao próximo? Ao desencarnar, este pai verá o seu filho no descaminho, se comprometendo espiritualmente e cavando sofrimento para o futuro. Este pai terá paz no coração e uma consciência tranqüila? Acreditamos que não. Sofrerá duplamente. Primeiro porque não fez a sua parte, que era a de encaminhar aquele filho para o fortalecimento de sua fé em Deus e para o “amai-vos uns aos outros” e, em segundo lugar, sofrerá porque, na condição de desencarnado, não poderá alertar o filho para os erros em que ele está incorrendo, sofrendo imensamente a pior dor, que é a moral.

O que nós poderemos fazer para termos um desencarne tranqüilo e equilibrado, sendo recebidos pelos amigos espirituais e familiares queridos, como é o desencarne dos Espíritos superiores?

Toda a orientação para que isto aconteça está no Evangelho.

Jesus nos deu toda a “receita” para que possamos ter uma vida de paz na Terra e, por conseqüência, uma vida espiritual igual.

No livro “O Céu e o Inferno”, Allan Kardec toca neste assunto, nos ensinando: “O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.”

Meditemos e analisemos os nossos atos, verificando se estamos agindo segundo o que está escrito no Evangelho, sem acharmos desculpas para os nossos erros.

“Reconciliar-se com os adversários”, “a parábola do semeador”, “a figueira seca”, “fora da caridade não há salvação”, “repreender e divulgar o mal”, “o óbulo da viúva”, “a verdadeira felicidade”, são apenas alguns dos ensinamentos de Jesus que precisamos conhecer.

Ainda no mesmo livro antes citado, Allan Kardec considera: “Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom senso e ao conceito que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência.”

Como saber se, ao desencarnar, vamos ficar cuidando como cães de guarda da nossa casa ou vamos ser recolhidos pelos amigos espirituais para lugares de recuperação, estudo e trabalho?

Quer saber para aonde você vai quando desencarnar?

Jesus responde: “Onde você depositar o seu tesouro, ali estará o seu coração.”

Wilson

Material Consultado: O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Tradução Guillon Ribeiro - FEB - 76ª edição

*“Aparemos o livro respeitável, que é luz de hoje, no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.” Emmanuel*

# Cantinho do Verso em Prosa

CANTINHO DO VERSO EM PROSA

## Não Choreis

Não choreis os que vão em liberdade  
Buscar no espaço o luminoso leito  
Da paz, distante do caminho estreito  
O pranto é a flor de aromas da saudade,  
Que perfuma e crucia o vosso peito,  
Mas, transformai-o em gozo alto e perfeito,  
Em santa e esperançosa claridade.

Chega um dia em que o Espírito descansa  
Das aflições, angústias e cansaços,  
Dos aguilhões das dores absolutas:

Feliz de quem, na Crença e na Esperança,  
Procura a luz sublime dos espaços,  
Buscando a paz depois das grandes lutas.

Antero de Quental

*Psicografia de Francisco Cândido Xavier - Livro Parnaso de Além-Túmulo - FEB - 8ª edição - 1967.*

A Doutrina Espírita ensina-nos a termos equilíbrio renovado na esperança de uma reencarnação, por um futuro mais fortalecido aos que retornam à pátria espiritual.

A certeza da continuidade da vida nos dá força para que o desprendimento carnal dos entes queridos não seja do “adeus” e sim do “até breve”.

Que as lágrimas derramadas sejam de saudade sadia e fortificadas pelas preces de compreensão para com os que partem, pois é preciso mentalizá-los com paz e serenidade. A solidão na hora da partida é de cada um. Portanto, as palavras do Cristo devem se fazer presentes, pois só o Evangelho será a luz e a companhia, que os seguirá pelos caminhos estreitos, iluminados pela Misericórdia de Deus.

Imbuídos de bons propósitos e amparado por amigos espirituais, chega o “dia da liberdade” e o espírito refeito das angústias e das dores que o acompanharam até então, consegue substituir os pensamentos torturantes pela felicidade eterna de quem alcançou, através da Fé e da Esperança, o verdadeiro caminho da paz, tão almejada, para poder finalmente efetuar o trabalho redentor, em nome de Jesus!

Eloisa

## Tema Livre

TEMA LIVRE

## Para si mesmo

Aceitando o Espiritismo como um processo redentor da nossa Humanidade, na sua rota de ascensão moral, nem sempre o homem aceita o Espiritismo para si mesmo. Em lugar de aplicar-lhe os conceitos inovadores na reforma íntima, usa-lhe os ensinamentos para melhorar os semelhantes.

Para seu viciado juízo, todos os males que caracterizam as civilizações atuais residem na forma incorreta do comportamento do seu vizinho, do seu amigo, do seu familiar, do proprietário da oficina em que presta serviços, do usuário que identifica, nunca, porém, da sua própria alma!

Considera, com frequência espantosa, que os homens é que são maus; ele, tão somente, é uma vítima de circunstâncias, um incompreendido. As armas de ataque e de ofensas sempre estão nas mãos de seus adversários, de seus semelhantes; nas suas, somente as da paz e do entendimento. De inimigos sempre se considera acolitado, com miríades a invejar-lhe a sorte e as propriedades; contudo, jamais admitiria ser, ele mesmo, o inimigo de muitos.

Aceitando o Espiritismo, repleta-se de zelo e conduz, num impulso benevolente, grande número de criaturas para

as reuniões doutrinárias, certo de que está batalhando para ganhar novos adeptos, auxiliando a reforma intransferível da Humanidade. Porém, olvida, ele que é parcela dessa Humanidade, refletir, meditar e aproveitar as lições que ouve e lê para si mesmo.

A Doutrina Espírita, no entanto, é um processo auto-educativo, o que significa exatamente: é estímulo moral do mais alto teor, para que a criatura se reforme a si mesma. E ninguém, em verdade, dela mais necessita do que o seu proficiente convicto. E, por tal razão, existe premência em fazer integrar o seu programa de ação com um ponto fundamental: aplicar os seus conceitos a si mesmo, na sua íntegra, porquanto, não fôssemos impenitentes devedores, este Mundo não seria o nosso campo de trabalho e de ação expiatória e regenerativa.

Sem descurar a reforma moral dos nossos semelhantes à luz do Espiritismo, reformemos primeiro a nós mesmos que já fomos convocados para o centro das reuniões e usemos em favor, no princípio consagrado de caridade para nós mesmos, todos os ensinamentos purificadores do Cristianismo Redivivo.

Roque Jacintho

## Núcleo de Estudos Espíritas “Amor e Esperança”

Rua das Turmalinas, 56  
Jardim Donini - Diadema - SP

Atendimento às Gestantes: 2ª às 15 horas

Tratamento Espiritual: 2ª às 19h45  
4ª às 19h45  
6ª às 14h45

Reuniões: 2ª, 4ª e 5ª às 20 horas

3ª e 6ª às 15 horas

Domingo às 10 horas

Artesanato: Sábado das 9 às 16



## Há dois mil anos

Editora FEB  
Francisco Cândido Xavier / Emmanuel  
35ª edição - 448 páginas

muito amado Jesus.

Vemos e sentimos momentos de poder, vaidade, luxúria, ciúme, opulência, orgulho, crueldade, idolatria, falta de moral, de amor, de perdão, seqüestro, violência, calúnia. Contrapondo momentos iluminados de humildade, simplicidade fraterna, alegria, esplendor, perdão, amor, benevolência e fé raciocinada.

Passagens que foram vivenciadas pelo senador, por sua filha, pela abnegada e amorosa Livia, sua esposa e Ana a serva e amiga de Livia.

Depois desses momentos mesclados, nos diz Emmanuel: “Sempre Jesus... sem Ele e sem os ensinamentos de suas palavras que nos enchem de coragem e de fé para alcançar um reino de paz no porvir da alma, não sei bem o que seria das criaturas humanas agrilhoadas ao cárcere dos sofrimentos terrestres...”

Estes acontecimentos se passaram “Há dois mil anos” e nos parecem tão atuais.

No preâmbulo desta obra, Emmanuel diz: “Que são dois milênios, Senhor, no relógio da eternidade.”

Família Amado

## Calendário

### CALENDÁRIO

## Junho

#### DIA 04

1925 - Desencarna Camille Flammarion, astrônomo famoso em sua época, espírita, colaborador de Kardec, tendo pronunciado emocionante discurso fúnebre junto à tumba do Mestre. A Federação Espírita Brasileira publica algumas de suas obras, entre as quais, “Deus na Natureza”.

#### DIA 05

1947 - Fundada a USE, União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

#### DIA 10

1853 - Os Espíritos introduzem o processo da escrita, agilizando as comunicações mediúnicas, até então produzidas mediante sinais.

1854 - É constituída em Nova York, EUA, a primeira sociedade para estudo e difusão do espiritismo, ocasião em que foi criado o jornal “The Christian Spiritualist”.

1860 - O Espírito de Verdade, através da médium Sra. Schmidt, informa Kardec que ele não permaneceria muito tempo encarnado, apenas o bastante para concluir suas obras (trabalhos indispensáveis).

#### DIA 11

1941 - Fundada a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

#### DIA 12

1851 - Nasce na Inglaterra, Sir Oliver Lodge, famoso pesquisador e escritor. Deixou várias obras sobre estudos psíquicos e mediunidade. Pesquisou a médium americana Eleonora Piper e a italiana Eusapia Paladino.

1856 - Allan Kardec, por intermédio da médium Aline C., recebe a confirmação do Espírito de Verdade a respeito de sua missão.

#### DIA 13

1980 - Desencarna em Brasília, DF, o Professor Carlos Torres Pastorino, escritor, jornalista, historiador, poliglota, ex-sacerdote católico que se converte ao Espiritismo. Autor do livro “Minutos de Sabedoria”.

#### DIA 14

1853 - A imprensa do Rio de Janeiro, pelo Jornal do Comércio,

publica, pela primeira vez, notícia sobre as mesas girantes.

1894 - Nasce Edgard Armond, que exerceu a presidência da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Autor de vários livros, entre os quais “Os Exilados da Capela”.

1932 - Desencarna em Turim, Itália, Linda Gazzera, médium famosa, pesquisada por vários cientistas, entre os quais Charles Richet e César Lombroso.

#### DIA 16

1875 - Instaurado o “Processo dos Espíritos”, procedimento judicial condenando a prática das chamadas fotografias mediúnicas, sob alegação de fraude.

1966 - Desencarna Francisco Peixoto Lins, o Peixotinho, extraordinário médium de efeitos físicos, conhecido pela produção das materializações luminosas.

#### DIA 17

1832 - Nasce em Londres, William Crookes, físico e químico, um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos espíritas.

1985 - Fundada em Tours a União Espírita Francesa e Francófônica, que tem como objetivo reimplantar o Espiritismo na França e em países de língua francesa.

#### DIA 21

1886 - Desencarna em Saint-Germain, França, o médium Daniel Douglas Home, pesquisado por inúmeros cientistas.

#### DIA 24

1943 - Desencarna Ernesto Bozzano, cientista que pesquisou a fenomenologia espírita. Autor de diversas obras, entre as quais, “Animismo ou Espiritismo?”, “A Crise da Morte”, “Pensamento e Vontade”, “Xenoglossia”.

1951 - A Rádio Guanabara, na cidade de Três Rios, RJ, organiza e realiza a primeira semana espírita no Brasil.

#### DIA 30

1953 - Fundada a Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille.

2002 - Desencarna em Uberaba, MG, Francisco Cândido Xavier, o maior e mais prolífico médium psicógrafo do mundo.



Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"  
Caixa Postal 42  
Diadema - SP  
09910-970

Destinatário

**IMPRESSO**